

TRABALHO E SABORES PRODUZIDOS POR MULHERES QUILOMBOLAS EXTRATIVISTAS DO BURITI NA COMUNIDADE DE MALHADINHA EM BREJINHO DE NAZARÉ, TOCANTINS

¹Fabio Almeida de Araujo

²Jovina dos Reis Neto

³Eliseu Pereira de Brito

Eixo Temático: Sociobioeconomia e Transformações Socioecológicas

Este artigo analisa o cotidiano das mulheres quilombolas extrativistas da comunidade de Malhadinha, situada no município de Brejinho de Nazaré, estado do Tocantins. Por meio de uma abordagem interdisciplinar, ancorada na geografia humana e na perspectiva sociocultural, o estudo investiga as práticas de coleta, processamento e transformação do buriti (*Mauritia flexuosa*), palmeira símbolo do Cerrado, em alimento, fonte de renda e patrimônio imaterial coletivo. A pesquisa estabelece um diálogo teórico com os conceitos de resistência quilombola, protagonismo feminino e economia do cuidado, evidenciando como essas dimensões se articulam no espaço vivido dessas mulheres. Os resultados demonstram que as práticas cotidianas de manejo sustentável e a transmissão intergeracional de saberes tradicionais constituem formas concretas de resistência territorial e afirmação identitária, as quais permanecem majoritariamente invisibilizadas tanto pela academia quanto pelas políticas públicas vigentes. Conclui-se que o reconhecimento, a documentação e a valorização dessas práticas são condições essenciais para a preservação do bioma Cerrado, para a promoção da soberania alimentar e para a efetiva garantia dos direitos territoriais e culturais da comunidade de Malhadinha.

Palavras-chave: Mulheres Quilombolas, Soberania Alimentar Extrativismo e Resistência.

INTRODUÇÃO

A comunidade quilombola de Malhadinha, localizada no município de Brejinho de Nazaré, cerca de 78km da capital Palmas no estado do Tocantins, é marcada por uma trajetória de resistência, memória e construção contínua de identidade.

Segundo Fiabani, o quilombo é definido como a mais significativa e organizada forma de resistência coletiva dos trabalhadores escravizados ao sistema escravista colonial e imperial brasileiro. Diferentemente de outras formas de oposição como a sabotagem, o "corpo mole", o suicídio ou as revoltas isoladas, o aquilombamento representava uma ruptura estrutural com o regime de trabalho compulsório, pois permitia ao escravizado controlar sua própria força de trabalho de maneira autônoma e contínua.

¹Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. fabio.fabhyu@gmail.com

²Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. jovinadosreisneto2015@gmail.com

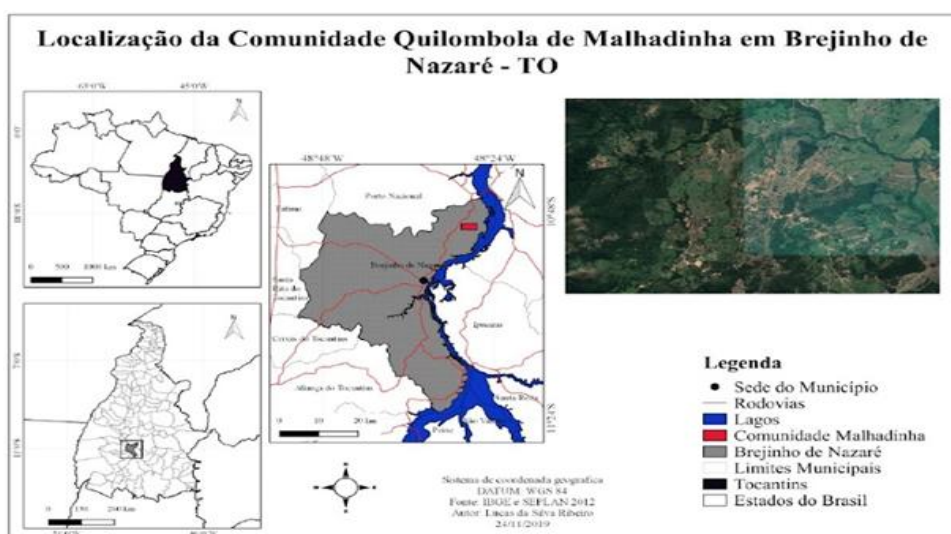
³ Orientador, Prof. Drº. Universidade Federal do Norte do Tocantins. eliseu.brito@ufnt.edu.br

Atualmente, o quilombola é o sujeito consciente de seus direitos étnicos, capaz de autodefinir-se como tal, dotado de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência histórica (FIABANI, 2008, p. 228).

A resistência quilombola, tal como sistematizada por Fiabani, não se esgotou com a abolição formal da escravidão em 1888. Ao contrário, ela se reinventou e se perpetuou por meio de novas formas de organização territorial, cultural e econômica, nas quais o controle autônomo sobre o trabalho e sobre os recursos do território continua sendo o eixo estruturante da vida comunitária.

Nesse sentido, as comunidades quilombolas contemporâneas, como a de Malhadinha, representam a continuidade histórica desse projeto coletivo de autonomia — não mais como ruptura com o cativo, mas como afirmação cotidiana de um modo de vida próprio, forjado na relação com o território e com os saberes transmitidos entre gerações. É precisamente nessa continuidade que o protagonismo das mulheres negras extrativistas se insere como expressão contemporânea da resistência quilombola: ao preservar e transmitir conhecimentos ancestrais sobre o buriti (*Mauritia flexuosa*), essas mulheres não apenas sustentam a economia doméstica e a soberania alimentar da comunidade, mas também exercem uma forma de controle autônomo sobre o trabalho e sobre os recursos naturais do território — prática que remonta, em sua essência, à dimensão coletiva, territorial e econômica que Fiabani identificou como o traço distintivo do aquilombamento histórico.

Imagem 01: Localização da Comunidade Quilombola de Malhadinha



Fonte: NETO, J. R. (2022)

¹Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. fabio.fabhyu@gmail.com

²Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. jovinadosreisneto2015@gmail.com

³ Orientador, Prof. Dr^o. Universidade Federal do Norte do Tocantins. eliseu.brito@ufnt.edu.br

Desse modo, as atividades cotidianas dessas mulheres: a coleta, o processamento do fruto, o preparo de alimentos e a gestão dos saberes, configuram, ao mesmo tempo, um patrimônio imaterial de grande relevância e uma forma viva de resistência estrutural, que articula tradição, identidade e soberania em um território historicamente disputado.

A relevância deste estudo se expressa em múltiplas dimensões. Do ponto de vista geográfico, evidencia as relações entre território, natureza e sociedade no contexto do Cerrado tocantinense. No plano sociocultural, destaca o protagonismo das mulheres negras na manutenção de práticas alimentares tradicionais. Já na dimensão política, aponta que o reconhecimento dessas práticas está diretamente vinculado às lutas por direitos territoriais, afirmação identitária e soberania alimentar.

Nesse sentido, a comunidade de Malhadinha configura-se como um espaço de resistência e pertencimento. Reconhecida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) como território quilombola, sua territorialidade é construída tanto no plano jurídico quanto nas práticas cotidianas. Ela se manifesta nas rotas de coleta do buriti, nos espaços de preparo coletivo dos alimentos e nas redes de solidariedade que sustentam a vida comunitária, revelando que o território é, ao mesmo tempo, vivido, significado e continuamente produzido.

METODOLOGIA

Esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa de base etnográfica, articulando a pesquisa de campo com análise bibliográfica e documental. O método qualitativo foi selecionado por sua adequação ao estudo de práticas culturais e saberes tradicionais, permitindo captar nuances e significados que escapam às abordagens quantitativas.

A coleta de dados ocorreu por meio de observação participante, entrevistas semiestruturadas com mulheres da comunidade quilombola de Malhadinha e registro fotográfico. As entrevistas buscaram compreender as trajetórias pessoais das participantes, suas práticas cotidianas de extrativismo do buriti e os significados que atribuem ao trabalho, à alimentação e ao território.

¹Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. fabio.fabhyu@gmail.com

²Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. jovinadosreisneto2015@gmail.com

³ Orientador, Prof. Dr^o. Universidade Federal do Norte do Tocantins. eliseu.brito@ufnt.edu.br

Imagens 02 e 03: Óleo, Poupa e Doce de Buriti



Foto: Jovina dos Reis Neto

Como ferramenta metodológica complementar, foi utilizado o "mapa falado", instrumento que permite captar as formas pelas quais os próprios moradores percebem, narram e significam seu território. Esse recurso viabilizou a identificação dos buritizais, dos espaços de coleta e processamento dos frutos, das casas das guardiãs do conhecimento culinário e dos locais de convivência e memória coletiva.

Logo, Dona Maria, explica os lugares que ela pega buriti, um detalhe importante e partes que ela está demonstrando com o dedo as bolinhas onde ela representa os buritis caídos no chão.

Imagem 04: Mapa Falado



Foto: Jovina dos Reis Neto

¹Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. fabio.fabhyu@gmail.com

²Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. jovinadosreisneto2015@gmail.com

³ Orientador, Prof. Dr^o. Universidade Federal do Norte do Tocantins. eliseu.brito@ufnt.edu.br

Imagem 05: Mapa Falado



Foto: Jovina dos Reis Neto

O referencial teórico articula contribuições da Geografia Cultural, dos Estudos de Gênero e Raça e da Etnobiologia. A análise dos dados foi orientada pelos conceitos de resistência quilombola (FIABANI, 2008), protagonismo feminino (NOVAES, 2018), economia do cuidado e patrimônio imaterial, buscando compreender as práticas das mulheres de Malhadinha em suas dimensões culturais, territoriais e políticas.

REFERENCIAL TEÓRICO

O estudo do protagonismo das mulheres quilombolas exige um referencial teórico que articule diferentes campos do conhecimento.

A partir de Fiabani (2005; 2008), compreende-se o quilombo como forma de resistência estrutural ao sistema escravista, cuja dimensão coletiva e territorial permanece viva nas comunidades contemporâneas. Essa perspectiva permite interpretar as práticas cotidianas das mulheres de Malhadinha não como simples costumes, mas como expressões de uma resistência histórica continuada.

Para compreender a relação entre alimentação, memória e identidade, recorre-se à Geografia Cultural, especialmente às obras de Tuan (1983) e Dardel (1952), conforme discutidos por Marandola Jr. (2012). Esses autores evidenciam que os sentidos — incluindo o paladar e o olfato — são mediadores da experiência geográfica, capazes de evocar paisagens, territórios e vínculos com o lugar. Nessa perspectiva, os sabores do buriti não são apenas nutricionais, mas constitutivos da geograficidade quilombola.

¹Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. fabio.fabhyu@gmail.com

²Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. jovinadosreisneto2015@gmail.com

³ Orientador, Prof. Dr^o. Universidade Federal do Norte do Tocantins. eliseu.brito@ufnt.edu.br

A noção de economia do cuidado, articulada aos estudos de gênero e raça, é central para a análise do trabalho das mulheres quilombolas. Conforme Novaes (2018), as mulheres camponesas e trabalhadoras do campo acumulam lutas históricas pela visibilização de seu trabalho e pelo reconhecimento de seus direitos. Essa dupla invisibilidade — de gênero e de raça — estrutura as condições em que o extrativismo do buriti é praticado em Malhadinha.

Por fim, o conceito de patrimônio imaterial, conforme adotado no Brasil e orientado por organismos internacionais como a UNESCO, fornece o arcabouço para valorizar e proteger os saberes culinários quilombolas. A literatura sobre a comunidade Barra da Aroeira (Revista Humanidades e Inovação, 2021) reforça que o protagonismo feminino na preservação das práticas alimentares e do território é um fenômeno recorrente nas comunidades quilombolas brasileiras, inserindo Malhadinha em um contexto mais amplo de resistência e criatividade nos territórios negros rurais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados desta pesquisa evidenciam que as mulheres quilombolas da comunidade de Malhadinha exercem papel central na produção, transmissão e preservação dos saberes relacionados ao buriti (*Mauritia flexuosa*).

A partir das entrevistas, da observação participante e do mapeamento participativo, identificaram-se três dimensões interdependentes que estruturam esse protagonismo: a dimensão territorial, a dimensão alimentar-cultural e a dimensão econômica.

Na dimensão territorial, o mapa falado revelou que as mulheres possuem conhecimento aprofundado sobre os buritizais, as veredas e os cursos d'água da comunidade. As rotas de coleta do fruto são transmitidas oralmente entre gerações e configuram uma cartografia viva do território. Esse conhecimento vai além da localização geográfica: envolve a identificação dos períodos adequados de coleta, das técnicas de manejo sustentável e dos sinais ambientais que indicam a saúde dos ecossistemas. Esses saberes se constituem em formas concretas de controle territorial, corroborando a perspectiva de Fiabani (2008) sobre a centralidade da autonomia sobre o território na resistência quilombola.

Na dimensão alimentar-cultural, as entrevistas demonstraram que o buriti integra um sistema alimentar completo, cujos produtos incluem sucos, óleos, doces, pratos salgados e insumos medicinais. As guardiãs do conhecimento culinário — mulheres mais velhas da

¹Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. fabio.fabhyu@gmail.com

²Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. jovinadosreisneto2015@gmail.com

³ Orientador, Prof. Dr^o. Universidade Federal do Norte do Tocantins. eliseu.brito@ufnt.edu.br

comunidade — são reconhecidas como detentoras de uma memória viva que orienta as práticas alimentares coletivas. A cozinha, nesse contexto, funciona como espaço pedagógico informal, onde receitas, valores e modos de relação com a natureza são transmitidos simultaneamente. Tal dimensão confirma a perspectiva de Tuan (1983) e Marandola Jr. (2012) sobre a capacidade dos sentidos — especialmente o paladar e o olfato — de mediar a experiência geográfica e reforçar o sentimento de pertencimento ao território.

Na dimensão econômica, os dados coletados indicam que a produção e a comercialização de derivados do buriti constituem fonte relevante de renda para as famílias. A venda de óleos e doces em feiras e mercados locais representa uma forma de inserção econômica que, embora ainda limitada, fortalece a autonomia financeira das mulheres. Contudo, essa atividade permanece subvalorizada e pouco amparada por políticas públicas específicas, o que reflete as desigualdades estruturais de gênero e raça apontadas por Novaes (2018). O extrativismo praticado em Malhadinha contrasta com formas predatórias de exploração dos recursos naturais, demonstrando que é possível conciliar uso econômico e conservação ambiental a partir do conhecimento local.

A triangulação entre esses três eixos revela que o trabalho das mulheres de Malhadinha não pode ser compreendido de maneira fragmentada. Trata-se de um sistema integrado em que o cuidado com o território, a manutenção dos saberes alimentares e a geração de renda se retroalimentam, constituindo o que Novaes (2018) denomina economia do cuidado em sua expressão mais ampla: o cuidado com a natureza, com a comunidade e com a memória coletiva.

Os resultados também evidenciam os principais desafios enfrentados por essa comunidade. A degradação ambiental das veredas, decorrente da expansão do agronegócio e das mudanças climáticas, ameaça diretamente a disponibilidade do buriti. Paralelamente, o êxodo rural, especialmente entre os jovens, compromete a transmissão intergeracional dos conhecimentos tradicionais. Frente a esses desafios, as próprias mulheres da comunidade têm adotado estratégias de reflorestamento — o plantio de novos buritizeiros — como forma de garantir a reprodução dos ecossistemas e dos saberes a eles associados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. fabio.fabhyu@gmail.com

²Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. jovinadosreisneto2015@gmail.com

³ Orientador, Prof. Dr^o. Universidade Federal do Norte do Tocantins. eliseu.brito@ufnt.edu.br

Este estudo evidenciou que as mulheres quilombolas da comunidade de Malhadinha são protagonistas de um sistema integrado de resistência que articula território, alimentação, memória e trabalho. Suas práticas cotidianas de extrativismo do buriti (*Mauritia flexuosa*) configuram um patrimônio imaterial de inestimável valor histórico, cultural e ambiental, que permanece majoritariamente invisibilizado tanto pela academia quanto pelas políticas públicas.

A análise demonstrou que o protagonismo feminino em Malhadinha não se limita ao espaço doméstico. Ele se estende ao controle do território, à gestão dos recursos naturais e à produção econômica da comunidade, expressando, na contemporaneidade, a continuidade histórica da resistência quilombola sistematizada por Fiabani (2005; 2008). A invisibilidade desse trabalho, estruturada por desigualdades de gênero e raça, representa um obstáculo significativo para o pleno reconhecimento dos direitos territoriais e culturais da comunidade.

A perspectiva da Geografia Cultural, especialmente as contribuições de Tuan (1983) e Marandola Jr. (2012), revelou-se um referencial fértil para compreender a dimensão sensorial e afetiva da relação entre as mulheres, os sabores do buriti e o território. Os sentidos — o paladar, o olfato, o tato — emergem como mediadores da geograficidade quilombola, reforçando o sentimento de pertencimento e a continuidade das práticas culturais.

Conclui-se que o reconhecimento e a valorização das práticas das mulheres de Malhadinha são condições essenciais para a preservação do bioma Cerrado e para a efetiva garantia dos direitos territoriais da comunidade. Políticas públicas que articulem conservação ambiental, valorização dos saberes tradicionais e fortalecimento da autonomia econômica das mulheres quilombolas são urgentes e necessárias.

Por fim, este trabalho reafirma a necessidade de novos estudos que aprofundem a compreensão das comunidades quilombolas do Tocantins, especialmente aqueles que adotem metodologias participativas e que coloquem as próprias mulheres como sujeitos centrais da produção do conhecimento. A experiência de Malhadinha demonstra que o futuro do Cerrado e da diversidade cultural brasileira passa, necessariamente, pelo reconhecimento e pela valorização dessas mulheres e de seus saberes.

AGRADECIMENTOS

¹Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. fabio.fabhyu@gmail.com

²Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. jovinadosreisneto2015@gmail.com

³ Orientador, Prof. Dr^o. Universidade Federal do Norte do Tocantins. eliseu.brito@ufnt.edu.br

As autoras agradecem às mulheres da comunidade quilombola de Malhadinha pela generosidade em compartilhar seus saberes, memórias e histórias de vida. Este trabalho é, antes de tudo, fruto de sua resistência e de sua sabedoria.

REFERÊNCIAS

- DARDEL, Eric. *L'Homme et la Terre: nature de la réalité géographique*. Paris: PUF, 1952.
- FIABANI, Adelmir. **Mato, palhoça e pilão: o quilombo, da escravidão às comunidades remanescentes (1532-2004)**. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- FIABANI, Adelmir. **Os novos quilombos: luta pela terra e afirmação étnica no Brasil (1988-2008)**. 2008. 274 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), São Leopoldo, 2008.
- INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA). **Relatórios de comunidades quilombolas certificados**. Brasília, DF: INCRA. Disponível em: <https://www.incra.gov.br>. Acesso em: abr. 2025.
- LITTLE, Paul E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Anuário Antropológico**, v. 28, n. 1, p. 251-290, 2002.
- MARANDOLA, E. Jr. Sabor enquanto experiência geográfica: por uma geografia hedonista. **Geograficidade**, v. 2, n. 1, Verão 2012.
- MOURA, Clóvis. **Quilombos: resistência ao escravismo**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1993.
- NETO, J. R. **O papel da mulher na conquista do território quilombola na comunidade "Malhadinha" no município de Brejinho do Nazaré – TO**. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2022. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br>. Acesso em: abr. 2025.
- NOVAES, H. T. Produção destrutiva e agroecologia. **RTPS – Revista Trabalho, Política e Sociedade**, v. III, n. 05, p. 141-162, jul.-dez. 2018. ISSN 2526-2319.
- RAIMUNDO, Glaucione; GOMES, Denisia M.; SANTOS, Janaína G. dos; SILVA, Rosemar S. da. A geografia dos sabores: uma abordagem à rica culinária de Minas Gerais. [S.l.: s.n., s.d.].
- REVISTA HUMANIDADES E INOVAÇÃO. O protagonismo das mulheres quilombolas da comunidade Barra da Aroeira em defesa de seu território. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 8, n. 58, 2021.
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2002.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.
- UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris: UNESCO, 2003. Disponível em: <https://ich.unesco.org>. Acesso em: abr. 2025.

¹Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. fabio.fabhyu@gmail.com

²Mestrando em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. jovinadosreisneto2015@gmail.com

³Orientador, Prof. Dr^o. Universidade Federal do Norte do Tocantins. eliseu.brito@ufnt.edu.br